

## O “ESPÍRITO LIVRE” DE NIETZSCHE ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Marco Antonio Conceição\*  
Haroldo Cajazeiras Alves\*\*

**Resumo:** *Para captar a idéia do “espírito livre” e melhor experimentar como ela se configura na obra nietzschiana, este trabalho, que não pretende tê-la como um pensamento isolado da práxis histórica, procura, sobretudo, fazê-la coexistir às circunstâncias particulares que marcam a essência do projeto do filósofo: “a transvaloração de todos os valores”. Assim, “Humano Demasiado Humano”, um livro por Nietzsche auto-proclamado para “espíritos livres”, será a obra que guiará esta pesquisa, porque nela torna-se evidente o enauseante esforço do filósofo para dizer os atributos da sua idéia.*

**Palavras-chave:** Liberdade; Saúde; Doença; Valor; Ética.

Para uma melhor compreensão deste artigo, faz-se necessário lembrar que a desconstrução da linguagem é marca no pensamento de Nietzsche. Noções consagradas pela tradição filosófica estarão no contexto da sua filosofia com outro significado. A sua noção de “espírito” ou “alma” ganha uma das mais irreverentes e inovadoras concepções, a saber, “espírito” ou “alma” designa no filósofo da suspeita, os seres vivos microscópicos que constituem o corpo.

A humanidade é compreendida por Nietzsche, não como conceito imutável ou substância definida, mas, sobretudo, como um desenvolvimento “contínuo”. Portanto, o homem, um ser mutável e indefinido, é capaz de determinar-se à construção de uma nova “humanidade” ou de uma “humanidade futura”.

Nesse contexto, e a partir de um acirrado combate à metafísica e ao idealismo, surgem os “Espíritos Livres” de Nietzsche, aos quais é dedicado seu “melancólico-brioso” livro *Humano Demasiado Humano*. Uma invenção do filósofo, que deles precisava “... como companhia, para manter a alma alegre em meio a muitos males (doença, solidão, exílio, acedia, inatividade):” (NIETZSCHE, 2000, p.8-9). Inventados, como “... compensação para os amigos que faltam” (NIETZSCHE, 2000, p.9) nos momentos, de prosas e risos, estariam esses “espíritos livres”, também e sem ressentimentos, disponíveis a serem mandados para “o inferno”, quanto eventualmente “...se tornarem entediados...” (NIETZSCHE, 2000, p.9).

*Humano Demasiado Humano* trata-se da obra onde Nietzsche declara de forma clara e decisiva sua ruptura com Schopenhauer e Wagner, e assim estabelece uma mudança na orientação do seu pensamento adotando uma esclarecida postura. Nela ele expressa a desilusão com suas “sagradas” esperanças e abandona seu projeto filosófico de juventude onde em primeiro plano está a arte. Entretanto, ocorrerá também, nesta obra, a colocação da “...questão da necessidade de construção de um tipo superior de homem.” (ARALDI, 2004, p.210).

---

\* Acadêmico do Curso de Filosofia da Universidade Católica do Salvador – UCSal. [marco100s@hotmail.com](mailto:marco100s@hotmail.com).

\*\* Orientador – Mestre em Filosofia, Professor do Curso de Filosofia da UCSal. [haroldoalves@hotmail.com](mailto:haroldoalves@hotmail.com).

Este “tipo superior de homem”, do ponto de vista da arte e por ser capaz de exultar do sofrimento inseparável à vida e ao mundo é, em *O Nascimento da Tragédia*, o artista trágico. Já na época da elaboração desta obra ocorrem citações do termo “espírito livre”, citações que evidenciam uma tensão do filósofo, revelando o modo como Nietzsche entende a arte e a tragédia. Sobre esta revelação, diz Araldi:

No projeto “A tragédia e os espíritos livres”, o filósofo buscava compreender a significação ético-política do drama musical grego (cf. VII, 5(42) – set.1870-jan. 1871). A preocupação em estabelecer a relação do espírito livre com a cultura e com a tradição, no entanto, ia além da Grécia, dirigindo-se para as questões da cultura e da arte de sua época (cf. VII, 5(43)). Nesse sentido, são elogiados os pensadores alemães (Goethe e Schiller, p. ex.) pela posição de ideais artísticos (cf. VII, 5(44)) e por considerarem o drama em sua significação cultural. (ARALDI, 2004, p.212).

Todavia, é em *Humano Demasiado Humano* que Nietzsche, distanciando-se inclusive de si mesmo, passa a viver como andarilho por sobre alegrias e dores dos homens. Sua curiosidade e seu prazer parecem voltar-se agora, sobretudo para os “...lados proibidos e insuspeitados da existência e do mundo.” (ARALDI, 2004, p.211).

A possibilidade de um dia existirem os “espíritos livres” “... em carne e osso e palpáveis...” (NIETZSCHE, 2000, p. 9) e não somente “... em forma de espectros e sombras de um eremita...” (NIETZSCHE, 2000, p. 9), é para Nietzsche, um fato indubitável, sobretudo, porque, ele acredita, ser capaz de poder contribuir para adiantar suas vindas, se descrever como e por onde devem aparecer.

O conceito nietzschiano “espírito livre” é introduzido pelo próprio filósofo como um conceito relativo. “Espírito livre”, para Nietzsche, será entendido, por alguns, como aquele que pensa aquilo que provavelmente não se espera seja pensado por ninguém, acerca de um fato, e por outros, aquele que pensa embasado por opiniões do tempo em que vive. Contudo, uma coisa é fato: eles são exceção e os espíritos cativos são regra. Para o espírito cativo, os princípios do “espírito livre” originam-se numa aflita necessidade de fazer-se notar, e os atos decorrentes dessa ansiedade ocasionariam a estes a responsabilidade de atos livres, incompatíveis com a moral de um espírito cativo.

Excentricidade e uma provável excitação mental, seriam também, para o espírito cativo, outros elementos de identificação e reconhecimento daquele onde habita o tipo do “espírito livre”. Contudo, para Nietzsche, o verdadeiro conteúdo dessas infames e necessárias afirmações, somente poderia ser verificado, se pudessemos traduzir o incômodo que sente o espírito cativo ao reconhecer o “espírito livre”, já a partir do primeiro olhar. Vejamos o que diz Nietzsche acerca desta questão:

... mas assim fala apenas a maldade que não acredita ela mesma no que diz e só quer prejudicar: pois geralmente o testemunho da maior qualidade e agudeza intelectual do espírito livre está escrito em seu próprio rosto, de modo tão claro que os espíritos cativos compreendem muito bem. (NIETZSCHE, 2000, p. 157)

As teses inicialmente apresentadas, parecem à Nietzsche, serem mais verdadeiras e confiáveis que a dos moralistas espíritos cativos. Para o filósofo, “No conhecimento da verdade o que importa é *possuí-la*, e não o impulso que nos fez buscá-la nem o caminho pelo qual foi achada.” (NIETZSCHE, 2000, p. 157). O que ocorre provavelmente é que o “espírito

livre” busca a verdade para além da moral e o espírito “atado” ou “cativo” apega-se à “...inverdade por moralidade”.(NIETZSCHE, 2000, p. 157). Outro fato, também, é que não é da essência do “espírito livre”, a tradição e a certeza, a verdade estará naturalmente ao seu lado, pois na sua busca ele repousa sobre razões que se fundamentam na sua própria experiência, enquanto que o espírito cativo sustenta-se pela fé.

No *ponto* de partida para o caminho da perfeição, onde maturação e doçura indicarão a qualidade de um espírito no qual habitará o “espírito livre”, ocorrerá a este, segundo Nietzsche, uma “grande liberação”, um presumível e decisivo acontecimento. Um “espírito livre” viverá o sabor da liberdade de estar a cada dia, por este espírito menos dominado, todavia, sabe, estará ao “... seu canto e sua coluna.” (NIETZSCHE, 2000, p. 9), por toda esta vida, ligado.

A “grande liberação” tem para nosso grande filósofo sabor de vitória, de uma primeira vitória, desse “espírito livre” contra tudo que “... até então amava e adorava...” (NIETZSCHE, 2000, p. 10). Misteriosa, vergonhosa, alegre e reveladora, a “grande liberação” vem para Nietzsche, inesperada como um terremoto, onde nem “a jovem alma” entende o que passa, pois é arrancada por uma “agitada aflição” que a domina e quer ir em frente, que lhe ferve os sentidos e lhe queima de “... perigosa curiosidade por um mundo indescoberto...” (NIETZSCHE, 2000, p. 9). Uma “agitada aflição” que sedutora e forçadamente à “jovem alma” se impõe, como “... súbito horror e suspeita daquilo que amava...” (NIETZSCHE, 2000, p. 9) e a *ela* afirma: “ ‘Melhor morrer do que viver aqui’ ” (NIETZSCHE, 2000, p. 9). Um ódio ao próprio amor.

Capaz até mesmo de destruir o homem, essa “agitada aflição” é, para Nietzsche, uma doença que se apresenta ao espírito, tal como o aparecimento de borbulhas à epiderme do corpo. Faz do insaciável “liberado”, o desvelador do que se encontra coberto e de tudo aquilo que esteve até então sob a proteção de algum pudor. Uma doença que instala-se ao espírito e instaura como sintoma uma “...vontade e força de autodeterminação, de determinação própria dos valores...” (NIETZSCHE, 2000, p. 10), uma “... vontade de livre vontade:” (NIETZSCHE, 2000, p. 10).

Para Nietzsche, o espírito onde habitará o tipo do “espírito livre”, andará só e sem destino. A solidão, como uma deusa, uma selvagem mãe das paixões, lhe abraçará e lhe inquietará ameaçadora, gerindo nele o perigo de uma crescente e avassaladora curiosidade:

“Não é possível revirar *todos* os valores? e o Bem não seria Mal? e Deus apenas uma invenção e finura do Demônio? Seria tudo falso, afinal? E se todos somos enganados, por isso mesmo não somos também enganadores? não *temos* de ser também enganadores?” (NIETZSCHE, 2000, p. 10)

Do caráter doentio deste isolamento até a “...enorme e transbordante certeza e saúde...” (NIETZSCHE, 2000, p. 10), a doença é para Nietzsche o meio necessário à maturação da liberdade no espírito, que lhe permitirá acessar numerosas e contrárias formas de pensar, pois lhe exigirá “...autodomínio e disciplina do coração...” (NIETZSCHE, 2000, p. 10). O excesso dessa certeza e saúde, entretanto, não deve colocar o espírito do liberado apaixonado e voltado para si. Ele é excesso, no sentido de amplitude e refino do pensamento, é excesso de “... forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras... excesso que dá ao “espírito livre” o perigoso privilégio de poder viver *por experiência* e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre!” (NIETZSCHE, 2000, p. 11)

Vivendo assim de aventura em aventura e por experiência, a vida do espírito no qual habita o tipo do “espírito livre”, constitui-se, de períodos de transição entre estados de doença

que deixou de existir, a estados de plena recuperação das forças e da saúde e vice-versa, ciclos onde evidencia-se sua mais forte característica: uma “vontade de saúde” que insiste com frequência em “... vestir-se e travestir-se de saúde.” (NIETZSCHE, 2000, p. 11)

Entretanto, há para Nietzsche, em meio a esses períodos, um estado de muita emoção, no qual a expressão “espírito livre” faz muito bem, porque aquece e colore a jovem alma da palidez que é própria à liberdade de um pássaro, da palidez que traduz a união de “... curiosidade e suave desprezo...” (NIETZSCHE, 2000, p. 11). Neste estado, para nosso irreverente filósofo, ao “espírito livre” só diz respeito coisas “...que não mais o *preocupam*...” (NIETZSCHE, 2000, p. 11), e nele, assim se vive:

... não mais nos grilhões de amor e ódio, sem Sim, sem Não, voluntariamente próximo, voluntariamente longe, de preferência escapando, evitando, esvoaçando, outra vez além, novamente para o alto; esse homem é exigente, mal acostumado, como todo aquele que viu abaixo de si uma multiplicidade imensa – torna-se o exato oposto dos que se ocupam de coisas que não lhes dizem respeito. (NIETZSCHE, 2000, p. 11)

Desconfiado e relutante, em meio a mais um período de transição entre o estado de doença que deixou de existir, e o regresso à perfeita recuperação das forças e da saúde, novamente o “espírito livre” se aproxima à vida. Nesse retorno tudo que antes lhe parecia comum, lhe parece agora mudado. O mundo à sua volta, agora revestido de uma “magia e plumagem” (NIETZSCHE, 2000, p. 11), mostra ao “espírito livre” a anulação sensível que é natural à ilusão de poder o espírito gozar de plena saúde. “Quem como ele...” (NIETZSCHE, 2000, p. 12), agora, “...compreende a felicidade do inverno...” (NIETZSCHE, 2000, p. 12), quem como ele é capaz agora de perceber “... as manchas de sol no muro?”. (NIETZSCHE, 2000, p. 12)

“Receitar para si mesmo a saúde em pequenas doses e muito lentamente” (NIETZSCHE, 2000, p. 12) e “...permanecer doente por um bom período e depois, durante mais tempo, durante muito tempo tornar-se sadio, quero dizer “mais sadio”.” (NIETZSCHE, 2000, p. 12), é para Nietzsche, a sábia tática do “espírito livre” para crescer<sup>1</sup> no jogo com o espírito em que habita. Uma tática capaz até mesmo de curar o pessimismo, um câncer que habita para Nietzsche, nos “heróis da mentira” (NIETZSCHE, 2000, p. 12), um câncer que cresce em toda mente idealista.

O enigma da grande liberação está, para Nietzsche, no interior da memória do liberado e pode ser desvelado a qualquer momento. Essa desvelação se fará numa convalescença, onde a saúde, mais uma vez arrebatadora, permitirá ao “espírito livre” que jamais ousou interrogar-se, indagar: “porque tão à parte? tão solitário? renunciando a tudo que venerei? renunciando à própria veneração? porque essa dureza, essa suspeita, esse ódio às suas próprias virtudes?” (NIETZSCHE, 2000, p. 12). Nesse momento, ele ouve o que *seria* uma resposta:

‘Você deve tornar-se senhor de si mesmo, senhor também de suas próprias virtudes. Antes eram *elas* os senhores; mais não podem ser mais que seus instrumentos, ao lado de outros instrumentos. Você deve ter domínio sobre o seu pró e o seu contra, e aprender a mostrá-los e novamente guardá-los de acordo com seus fins. Você deve aprender a perceber o que há de perspectiva em cada valoração – o deslocamento, a distorção e a aparente teleologia dos horizontes, e tudo que se relaciona à perspectiva; também o quê de estupidez que há nas oposições de valores e a perda intelectual com

<sup>1</sup> crescer, no sentido de amplitude e refino do pensamento

que se paga todo pró e todo contra. Você deve aprender a injustiça *necessária* de todo pró e contra, a injustiça como indissociável da vida, a própria vida como *condicionada* pela perspectiva e sua injustiça. Você deve sobretudo .... Você deve' – basta ... (NIETZSCHE, 2000, p. 12-13)

Agora, o porquê e o dever são sabedoria e capacidade, que agem simultaneamente no “espírito livre”, como uma força que o impulsiona inconscientemente. Essa força é para Nietzsche uma *tarefa* do futuro que necessitou “...tomar corpo e ‘vir ao mundo’.” (NIETZSCHE, 2000, p. 13), uma *tarefa* que comanda o presente e que constitui por si, a *essência e causa* do “espírito livre”.

O despertar dessa tarefa aconteceria para Nietzsche “... no meio-dia de nossas vidas...” (NIETZSCHE, 2000, p. 13), quando seria supostamente permitido ao “espírito livre”, ver o *seu problema no problema da hierarquia*, quando ele deveria, sobretudo:

...ver com seus olhos onde a injustiça é maior: ali onde a vida se desenvolveu ao mínimo, do modo mais estreito, carente, incipiente, e no entanto não deixar de se considerar fim e medida das coisas e em nome de sua preservação despedaçar e questionar o que for mais elevado, maior e mais rico, secreta e mesquinhamente, incessantemente – você deve olhar com seus olhos o problema da *hierarquia*, e como poder, direito e amplidão das perspectivas, crescem conjuntamente às alturas. (NIETZSCHE, 2000, p. 13)

A partir daí entenderíamos:

... de que preparativos, provas, desvios, disfarces e tentações o problema necessitava, antes que pudesse surgir diante de nós, e como tínhamos primeiro que experimentar os mais diversos e contraditórios estados de indigência e felicidade na alma e no corpo, como aventureiros e circunavegadores desse mundo interior que se chama “ser humano”, como mensuradores de todo grau, de cada “mais elevado” e um-acima-do-outro” que também se chama “ser humano” – em toda parte penetrando, quase sem temor, nada desprezando, nada perdendo, tudo saboreando, tudo limpando e como que peneirando do que seja acaso... (NIETZSCHE, 2000, p. 13-14)

Enfim, tudo isso e somente dessa forma, para Nietzsche, serviria ao espírito do liberado, para que já reconhecedor nesse momento do *seu problema no problema da hierarquia*, estivesse agora diante de um novo problema: “...uma longa escada, em cujos degraus nós mesmos sentamos e subimos.” (NIETZSCHE, 2000, p. 14), uma escada longa, que em cada degrau exigiria um necessário impulso *ético* pela afirmação da própria vida.

## REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. *Nilismo, Criação, Aniquilamento*. S.P., Discurso Editorial, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano Demasiado Humano*. S.P., Cia das Letras, 2000.